

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº102 - JUNHO - PORTO VELHO, 2003
VOLUME VII

ISSN 1517-5421

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História - UFRO
CLODOMIR S. DE MORAIS - Sociologia - IATTERMUND
ARTUR MORETTI - Física - UFRO
CELSO FERRAREZI - Letras - UFRO
HEINZ DIETER HEIDEMANN - Geografia - USP
JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY - História - USP
MARIO COZZUOL - Biologia - UFRO
MIGUEL NENEVÉ - Letras - UFRO
SILVIO A. S. GAMBOA - Educação - UNICAMP
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia - UFSC

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

102



BABEL E OS LIVROS

Miguel Nenevé



O narrador da história "Criador" (Babel, Revan, Rio de Janeiro, 2001) de Alberto Lins Caldas, em sua reflexão sobre a sua criação, lamenta que a Biblioteca já tenha deixado de ter significado nobre proclamando com um sentimento de frustração que os livros não eram mais "sede de beleza e de força, haviam se tornado pasto para vermes." Esta angústia do personagem sugere-nos algumas reflexões sobre o livro, o seu significado e sua importância nos dias atuais. O que significa o pasto para vermes? Não há mais alimento para o ser humano em um bom livro? A humanidade se virou para outras fontes que alimentem sua sede de saber e de entretenimento? Ou os meios eletrônicos com os hipertextos teriam alcançado o poder de substituir o livro, de enviá-lo para sempre para bibliotecas empoeiradas? Os computadores com toda a sua facilidade e rapidez teria declarado pena de morte ao livro? Será que o livro ainda tem motivo para continuar vivo?

Robert Coover em seu trabalho "The End of the Book" refere-se ao "fim da linha", uma vez que o texto do computador não precisa da linha como o livro impresso. O "fim da linha" seria então o começo do poder do livro virtual. O narrador da história de Caldas faz também alusão a este fim quando diz que "via como se degradavam cada uma das mais nobres linhas do homem." As linhas, nobres ou tirânicas estariam se degradando, desaparecendo porque ninguém tem interesse em ler nada impresso? Quais seriam as consequências deste fim da linha?

Coover, como o narrador de "Criador", sugere questionamentos sobre o livro, sobre o seu fim e sua finalidade. Estaria ele reduzido a "uma mera curiosidade para ser relegado para sempre a museus vazios e empoeirados que agora chamamos de biblioteca?" O professor Sérgio Bellei, da Universidade Federal de Santa Catarina, também discute o assunto. Em um artigo intitulado "O fim do livro ou o livro sem fim", Bellei faz uma análise muito interessante sobre a situação do livro nos dias de hoje. O professor sugere que os defensores dos livros eletrônicos foram demais entusiasmados e não pensaram em alguns obstáculos que este meio traz consigo. Também sugere que os entusiastas do livro na sua forma tradicional como o único meio de circular saber, conhecimento, idéias e informações não podem estar certos. Lembra do início da era do livro impresso, com a invenção da imprensa por Guttenberg, quando um clérigo parisiense, assustado, olhou para o livro e depois, de sua janela, para a catedral de Notre Dame e disse: "Ceci tuera cela" ou seja "este destruirá aquilo". O clérigo estava sugerindo que o livro destruiria a igreja, pois iria acabar com a profissão dos pregadores uma vez que todos os mortais teriam acesso ao livro e ao conhecimento, tirando dos religiosos o privilégio de serem os detentores do saber. A catedral de Notre Dame deixaria de ser fonte de informação, os padres e seus sermões não teriam a importância que tinham tido até então. A profissão de copista, quase que exclusiva dos clérigos, também estaria chegando ao fim.

Esta preocupação de que "este destruirá aquilo" parece estar presente quando vemos hoje o avanço do livro eletrônico, do hipertexto, da cópia rápida, da clonagem, enfim do uso de "scanners" e outros meios para qualquer necessidade. Livros serão apenas objetos de curiosidade? Deixarão as bibliotecas de ter utilidade? Serão elas transformadas em museus empoeirados que ninguém terá interesse em visitar?

Além desta preocupação, há algo mais sério, que vem sendo discutido por intelectuais. Será que a facilidade e a rapidez em pegar informações no computador não favorece a superficialidade e a visão de um mundo em preto e branco, menos profundo e menos complexo do que realmente é? Esta facilidade não estaria estimulando a leitura fácil de textos e do mundo em si? Um estudante que nunca leu Homero e nem mitologia grega pode em cinco minutos diante de um computador, informar, por exemplo, quem foi Penélope, dar suas características e falar sobre sua significação e importância no mundo do mito e da literatura. Será? Este conhecimento adquirido em cinco minutos será suficiente? Estudiosos argumentam que este fato pode ser um estímulo à leitura fácil, menos profunda que desfavorece a reflexão e questionamentos necessários relativos ao ser humano. Alguém pode argumentar, por exemplo, que não há mais necessidade de ler um livro de quinhentas páginas quando se têm as informações que se deseja, pelo computador, em poucos minutos. Neste caso estará desprezando toda a complexidade e profundidade que o livro pode lhe oferecer.

Alberto Manguel, em uma palestra intitulada "A Educação de Pinóquio" proferida por ocasião do Congresso em Ciências Humanas e Sociais na Universidade de Toronto em maio de 2002, falava justamente sobre esta questão. A sua preocupação era que o acesso fácil a textos eletrônicos pode causar o abandono por completo do livro. Este fato poderia trazer conseqüências desagradáveis para a humanidade, tais como: a visão superficial do mundo e a falta de reflexão sobre temas complexos; a desvalorização de questionamentos mais profundos e necessários para decisões justas; a interpretação dos fatos em "preto e branco" que pode levar a atos de racismo, terrorismo, etc. Alertava ainda o escritor canadense que o endeusamento de meios eletrônicos por políticas de governo pode trazer resultados sociais tristes relacionados à preconceitos e a não aceitação das diferenças e das margens. Na realidade, mais que preocupado o escritor estava revoltado com o investimento massivo que os governos vêm fazendo nos meios eletrônicos sem investir no livro ou na valorização dele. Segundo Manguel, isso reflete o desinteresse pela leitura mais profunda e mais complexa do mundo. Para fins de consulta os meios eletrônicos são mais eficientes, mais rápidos, armazenam grande quantidade de informação e possibilitam cruzamento de várias áreas de interesse. Mas não precisamos somente de enciclopédias e dicionários. Precisamos também de leituras mais complexas e os livros de leitura, que são diferentes de livros de consulta, não podem ser ignorados. É sem dúvida uma preocupação justa.

O entusiasmo exagerado pelo eletrônico poderia estar desprezando uma fonte de saber e sabor. Bellei, Coover como outros estudiosos, consideram, no entanto, que é exagero lamentar ou vibrar com o fim do livro. Seria um equívoco pensar que todo o valor histórico do livro material, toda a sua significação para a humanidade estaria desaparecendo para dar lugar ao virtual. Os hipertextos, como diz Coover, são produzidos no computador e são lidos ali, por um grupo específico. Sem dúvida eles vêm ganhando importância e causando mudanças no comportamento acadêmico. O mundo dos livros, em sua forma tradicional, no entanto, não deixará de existir por causa deles, assim como a igreja não deixou de existir por causa de Gutenberg. Os livros podem se modificar, mas não desaparecer. Poderão ser talvez "pastos para vermes", se vermes forem considerados todos os humanos a procura do saber e da boa leitura. Os textos eletrônicos, seriam então um complemento a este "pasto", não uma condenação. Precisamos com certeza estar alertas para estas modificações sem endeusar ou condenar nenhum dos dois formatos de livros.

Bibliografia

BELLEI, Sergio Luis. O FIM DO LIVRO OU O LIVRO SEM FIM? members.tripod.com~lfilipe.bellei, 2000.

CALDAS, Alberto Lins. BABEL. Rio, Revan, 2002.

COOVER, Robert. THE END OF THE BOOK. N. York, The N. York Times Company, 1997.

MANGUEL, Alberto. A EDUCAÇÃO DE PINÓQUIO. (Palestra não publicada), Toronto, Social Sciences and Humanities Congress, maio, 2002.

LEITURAS DE BABEL

Qual é o ingrediente que se requer para construir um novo mundo, ordem ou caos? Sunti Namjoshi

“Eu já li algo assim” é o que a gente pensa desde o conto inicial de Babel (Revan, Rio de Janeiro, 2001) até o final quando o livro se fecha. Desde os textos que parecem apenas depoimentos até os textos bem poéticos, líricos, há sempre algo a ser lembrado como se um fosse re-escritura do outro. “Já li algo assim” o leitor pensa por exemplo quando lê ORDOG (Gordo?) e lembra do final de Ulysses de Joyce ou até do Salamandra de Bob Dylan. Escritos sob várias formas e gêneros os textos de Babel vão mostrando que o “algo assim” não é “bem assim” que há uma diferença, há uma bifurcação que faz o velho se renovar “para dizer o meu dito e não do jeito dos outros” como depõe o narrador de IHWH.

Um livro sem fim? Um livro que suscita um recomeço, uma revisão? O “Livro” ideal sonhado pelo criador poderia ser este livro sem fim. Ou talvez esteja sugerindo um livro sem finalidade pois não consegue atingir uma linguagem única em poucas palavras, mas um amontoado de palavras um ir e vir de textos e idéias que sugerem caos? Há procuras, anseios, esperanças e desesperos, mas não há um texto ideal, uma forma ideal ou um Livro ideal. Os vermes que percorrem as páginas vão mostrando a vida que jaz e se anuncia. Os vermes também anunciam que se não lermos eles podem se beneficiar do livro: melhor virarmos “book worms” e lermos também. Suscita questionamentos sobre o que é literatura, o que é tecer, fiar e desfilar. Quem serão os “criadores de luz” e quem serão os vermes? É necessário fazer esta dicotomia? Não haveria vaga-lumes que também são vermes, mas sabem ser criadores de luz? Quem está na luz? Quem está nas trevas? Seria o centro e a periferia? Seria a marginalidade contra a centralidade? Seria o dono da luz contra o verme da escuridão? Vale a pena questionar o diferente, o estranho, o que parece não ser “da luz.”

A valorização da superficialidade passa por não valorizar o que é diferente, o que veio da “escuridão” ou do coração das trevas. “Tudo o que é dito nas trevas” deveria ser “ouvido na luz”. O problema é que ao se negar a luz para ouvir o que vem “das trevas”, como ouvir!? Como há barreiras para o que é diferente, para aquilo que pode iluminar. Em termos de livros, de literatura, os verdadeiros amantes são poucos, e que escrevem maravilhosamente. Há porem também os que seguem um bando que diz “o que é bom e o que não é”, e há aquele também que fica com medo do novo, do não dito, do que pode desestabilizar.

Tive uma boa primeira impressão ao ler Babel. Poderia dizer que esta impressão se deve ao fato de me fazer lembrar um narrador de Poe que vai ditando e fazendo coisas inesperadas ou porque tem um pouco de "Bartleby" de Melville ou do Conrad pelo sujeito estranho que pode ser um "doppelganger" na embarcação, mas acho que não foi por isso que gostei. Gostei porque é gostoso de ler, fluente e excita a curiosidade. Tem alguma coisa correndo pelas linhas que são mais que palavras.

Babel é indiscutivelmente de grande valor literário. Pode ser lido de diversas formas. É lido por pessoas de diversas idades e níveis. O último conto, por exemplo, permite mil leituras. Dele gostei muito da "linha do homem". A Bibliogenia, a Bibliofisiologia: quanta coisa pode suscitar isso. "Ah Humanity" como dizia Bartleby... A linha da Humanidade ou do livro? Poderia ser a linha do livro simplesmente, o fim da linha em vários aspectos. Mas há tantas linhas, que sair da linha ou desalinhar-se pode sugerir muito. Pode levar a várias outras linhas até chegar aos países não alinhados. Assim o verme já citado. Por isso fica gostoso de se ler e re-ler também.

Alguém poderia usar a abordagem psicanalítica para analisar alguns dos textos ou até para querer explicar a psique do autor. Há uma loucura sem método correndo pelas linhas e saindo da linha. O verme estaria feito um "bicho da goiaba" que aparece sem ser percebido? Ou é o verme de Balke que traz doença (ou vida?) à Rosa? Distorções bizarras, especialmente nas apresentações de exageros nas figuras humanas e no comportamento anormal, patológico de algumas personagens. Parece que há uma obsessão na construção do Livro e o Livro não sai, buscam-se formas, estéticas, que se desestetizam e a loucura vai como que se espalhando como uma fumaça. Alguém poderia também usar a abordagem pós-colonial para falar da mente colonial e colonizadora do narrador (ou do autor?) que supostamente no calor dos trópicos úmidos fala em neve e música clássica. Como não lembrar o piano perdido no Rio Madeira apresentado pelo Márcio Souza em "Mad Maria"?

Esta insistência pelo bizarro, pelo grotesco e talvez pela apresentação de uma verdade cruel deixa a leitura um pouco densa ou "carregada" como uma tarde amazônica antes da chuva. Há momentos em que os textos parecem apontar para pedaços de humanos, para fragmentos e contrastes que podem provocar risadas mefistofélicas, como por exemplo em "A Festa". Poder-se-ia dizer que há um sarcasmo do jeito de Swift in "A Modest Proposal"?

Há intertextualidade presente em tudo. Até o Frankenstein parece estar por este livro. E o Poe com seus assombros parece fiar na sombra das páginas: "Será isso e nunca mais", encontramos em um dos textos. Não sei se é bom falar em influência, mas há uma indiscutível intertextualidade e o título é isso também. É uma biblioteca, talvez para lembrar a "Biblioteca de Babel" de Borges. Como não começar a rir quando se lê um conto chamado "Amigos"? Como não lembrar do Cervantes? "O Numero" é um texto engraçado, podendo ser lido por diversas idades. Muito engraçado e ao mesmo tempo profundo se quisermos lê-lo assim.

O livro não é uma "colage", mas, pode-se dizer, um "palimpsest", um pouco de uma re-escritura de outros textos. O "Livro" no final seria isso talvez: uma reunião de literaturas, de obras, de estilos, apontando para outra literatura. A importância de reconhecer a intertextualidade no caso de Babel é fundamental. Acredito que não é bom para o crítico ficar citando ecos de outros escritores o tempo todo, mas também não é bom cegar a estes ecos, não reconhecer a intertextualidade. E Babel tem muitos ecos: Borges, Cervantes, Melville, Conrad, Poe, Joyce. Impossível não sentir isso. Não pensar sobre isso.

O livro contém ainda alguns problemas de revisão. Isso não diminui o valor literário, mas justamente pelo seu valor literário, de capacidade criadora e recriadora que merece ser revisto. Espero ver a segunda edição com estas revisões.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos
publicados

*mil anos durou a viagem da lágrima
ao fundo do abismo*

*a planta tentou
mas não pôde esperar*

CARLOS MOREIRA